

Autocracia

Gary DeMar

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Outra forma de solucionar o dilema do poder político é consolidá-lo num homem, criando uma figura messiânica. Um autocrata é alguém que é um governante independente. Seu poder (*kratos*) é derivado de si mesmo (*auto*). Ele continua no poder por seu próprio decreto e é apoiado pelo poder militar. No livro de Juízes encontramos os israelitas importunados pelos midianitas: “Prevalecendo o domínio dos midianitas sobre Israel, fizeram estes para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, e as cavernas, e as fortificações” (Juízes 6:2).

A situação desagradável de Israel era resultado da sua desobediência: “Fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o SENHOR; por isso, o SENHOR os entregou nas mãos dos midianitas por sete anos” (Juízes 6:1). Ao invés de se voltarem para Deus em arrependimento, o povo buscou uma solução *política* para os seus “problemas”. O povo estava confiando numa “torre” construída por homens (Juízes 8:9). Ao invés de colocarem sua confiança em Deus como sua “Fortaleza Forte” (Salmo 46), eles escolheram o suposto poder e a débil fortaleza do homem. Gideão prometeu “derribar esta torre”, esse ídolo de segurança e salvação (cf. Juízes 8:9; cf. v. 17).

Após Gideão derrotar os inimigos de Israel, o povo estava pronto para um regime político centralizado: “Então, os homens de Israel disseram a Gideão: Domina sobre nós, tanto tu como teu filho e o filho de teu filho, porque nos livraste do poder dos midianitas” (Juízes 8:22). O problema que os israelitas tiveram com os midianistas aconteceu porque eles rejeitavam Deus como seu Rei. Agora que Deus os tinha libertado, eles ainda falharam em reconhecer que “o SENHOR vos dominará” (Juízes 8:23). Em vez disso, optaram por uma ordem social centralizada, humanista e perpétua com Gideão e sua família como os governadores permanentes. Para eles, Gideão era mais que um juiz, um governador civil local; ele tinha que ser o rei deles, que se assentaria num trono e os deixaria seguros. Uma ordem social centralizada é mais fácil para um homem do que colocar a confiança para a estabilidade e segurança no Senhor!

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Outubro/2006.

Com quarenta anos de paz transcorridos, o povo tinha esquecido quem lhes trouxe a paz (cf. Deuteronômio 8). O povo começou a “prostituir-se... após os baalins e puseram Baal-Berite por deus” (Juízes 8:33). Uma vez mais, a rejeição de Deus como seu Rei levou-os a olhar para o homem e algum tipo de ordem social centralizada. Um dos filhos de Gideão, Abimeleque, tentou centralizar o poder e a autoridade, colocando toda a soberania em si mesmo. Abimeleque se aproveitou do fraco comprometimento do povo ao Senhor. Se eles estavam prontos a adorar um deus sintético (Baal-Berite significa “Baal do Pacto” – uma mistura de baalismo e as promessas do Pacto), então poderiam estar prontos para apoiá-lo por segurança, um rei sintético. (O pai de Abimeleque era um israelita, embora sua mãe fosse uma cananéia). Para assegurar seu esquema de poder, Abimeleque matou todos os seus competidores políticos: “Foi à casa de seu pai, a Ofra, e matou seus irmãos, os filhos de Jerubaal, setenta homens, sobre uma pedra. Porém Jotão, filho menor de Jerubaal, ficou, porque se escondera” (Juízes 9:5).

Jotão escapou do banho de sangue em Ofra e partiu para o Monte Gerizim, para advertir os israelitas a não apoiar um rei que prometeu segurança e ao mesmo tempo demandou lealdade incondicional. O resultado de tal união seria a destruição deles. “Se, de veras, me [Abimeleque] ungis rei sobre vós, vinde e refugiai-vos debaixo de minha sombra [a promessa de segurança]; mas, se não, saia do espinheiro fogo que consuma os cedros do Líbano [a realidade da tirania]” (Juízes 9:15).

Como todos os regimes políticos centralizados, o julgamento e a ruína eram inevitáveis. Essa administração centralizada de Abimeleque era constituída de seguidores “desocupados e vadios” de Siquém (Juízes 9:4, NVI). Não demorou a que a administração desse novo governo dinástico ruísse, e aqueles que o seguiam aspirando poder se desencantassem:

Suscitou Deus um espírito de aversão entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém; e estes se houveram aleivosamente contra Abimeleque, para que a vingança da violência praticada contra os setenta filhos de Jerubaal viesse, e o seu sangue caísse sobre Abimeleque, seu irmão, que os matara, e sobre os cidadãos de Siquém, que contribuíram para que ele matasse seus próprios irmãos. Os cidadãos de Siquém puseram contra ele homens de emboscada sobre os cimos dos montes; e todo aquele que passava pelo caminho junto a eles, eles o assaltavam; e isto se contou a Abimeleque (vv. 23-25).

Um governo autocrata é inerentemente instável. Assassínatos e golpes políticos estão sempre presentes quando há outros homens ambiciosos buscando o mesmo poder. As pessoas raramente estão a salvo. Cada governador sucessivo frequentemente muda as regras e

regulamentos ao seu próprio capricho. Não há nenhum controle sobre o poder do rei. Samuel Rutherford (1600-1661), numa tentativa de atacar a posição de “direito divino dos reis”, que não era nada mais que um governo autocrata, escreveu *Lex Rex: ou A Lei e o Príncipe* em 1644. A posição de Rutherford colocava o rei ainda mais debaixo da lei de Deus. Como seria esperado, *Lex Rex* foi condenado na Inglaterra e na Escócia. A visão de Rutherford arriscou tanto o mandato do “direito divino dos reis” que ele foi condenado à morte por suas visões. Contudo, ele morreu antes que pudesse ser executado como um rebelde do Estado autocrata.

Fonte: *Ruler Of The Nations: Biblical Principles for Government*, Gary DeMar, p. 19-22.